

opusdei.org

Semana Santa: a voz do Papa

Atualizado na Sexta-feira Santa. Seleção de partes de discursos, homilias e outras intervenções de Bento XVI durante a Semana Santa de 2012.

15/04/2012

QUINTA-FEIRA SANTA "IN CENA DOMINI" ; Vídeo (Rome Reports)

· Os discípulos, cuja proximidade Jesus procurou naquela hora de ânsia extrema como elemento de

apoio humano, depressa adormeceram. No entanto ainda ouviram alguns fragmentos das palavras ditas em oração por Jesus e observaram o seu comportamento. Estas duas coisas gravaram-se profundamente no espírito deles, que depois as transmitiram aos cristãos para sempre. Jesus chama a Deus «Abbá»; isto significa – como eles adiantam – «Pai». Não é, porém, a forma usual para dizer «pai», mas uma palavra própria da linguagem das crianças, ou seja, uma palavra meiga que ninguém ousaria aplicar a Deus. É a linguagem d’Aquele que é verdadeiramente «criança», Filho do Pai, d’Aquele que vive em comunhão com Deus, na unidade mais profunda com Ele.

· Jesus luta com o Pai: melhor, luta consigo mesmo; e luta por nós. Sente angústia frente ao poder da morte. Este sentimento é, antes de mais nada, a turvação que prova o

homem, e mesmo toda a criatura viva, em presença da morte. Mas, em Jesus, trata-se de algo mais. Ele estende o olhar pelas noites do mal; e vê a maré torpe de toda a mentira e infâmia que vem ao seu encontro naquele cálice que deve beber. É a turvação sentida pelo totalmente Puro e Santo frente à torrente do mal que inunda este mundo e que se lança sobre Ele. Vê-me também a mim, e reza por mim. Assim este momento da angústia mortal de Jesus é um elemento essencial no processo da Redenção.

· A atitude de Adão fora: Não o que quiseste Tu, ó Deus; eu mesmo quero ser deus. Esta soberba é a verdadeira essência do pecado. Pensamos que só poderemos ser livres e verdadeiramente nós mesmos, se seguirmos exclusivamente a nossa vontade. Vemos Deus como contrário à nossa liberdade. Devemos libertar-nos d'Ele – isto é todo o nosso pensar

–; só então seremos livres. Tal é a rebelião fundamental, que permeia a história, e a mentira de fundo que desnatura a nossa vida. Quando o homem se põe contra Deus, põe-se contra a sua própria verdade e, por conseguinte, não fica livre mas alienado de si mesmo. Só somos livres, se permanecermos na nossa verdade, se estivermos unidos a Deus. Então tornamo-nos verdadeiramente «como Deus»; mas não opondo-nos a Deus, desfazendo-nos d’Ele ou negando-O. Na luta da oração no Monte das Oliveiras, Jesus desfez a falsa contradição entre obediência e liberdade, e abriu o caminho para a liberdade. Peçamos ao Senhor que nos introduza neste «sim» à vontade de Deus, tornando-nos deste modo verdadeiramente livres.

Vídeo (Rome Reports)

· Nesta Santa Missa, o nosso pensamento volta àquela hora em que o Bispo, através da imposição das mãos e da oração consagratória, nos integrou no sacerdócio de Jesus Cristo, para sermos «consagrados na verdade» (Jo 17, 19), como Jesus pediu por nós ao Pai na sua Oração Sacerdotal. Ele mesmo é a Verdade. Consagrou-nos, isto é, entregou-nos para sempre a Deus, a fim de que, a partir de Deus e em vista d'Ele, pudéssemos servir os homens. Mas somos também consagrados na realidade da nossa vida? Somos homens que actuam a partir de Deus e em comunhão com Jesus Cristo? Com esta pergunta, o Senhor está diante de nós, e nós diante d'Ele. «Quereis viver mais intimamente unidos a Cristo e configurar-vos com Ele, renunciando a vós mesmos e permanecendo fiéis aos compromissos que, por amor de Cristo e da sua Igreja, aceitastes alegremente no dia da vossa

Ordenação Sacerdotal?» Tal é a pergunta que, depois desta homilia, será dirigida singularmente a cada um de vós e a mim mesmo.

· É-nos pedido que não reivindique a minha vida para mim mesmo, mas a coloque à disposição de outrem: de Cristo. Que não pergunte: Que ganho eu com isso? Mas sim: Que posso eu doar a Ele e, por Ele, aos outros? Ou mais concretamente ainda: Como se deve realizar esta configuração a Cristo, que não domina mas serve, não toma mas dá. Como se deve realizar na situação tantas vezes dramática da Igreja de hoje?

· Mas será verdadeiramente um caminho a desobediência? Nela pode-se intuir algo daquela configuração a Cristo que é o pressuposto para toda a verdadeira renovação, ou, pelo contrário, não é apenas um impulso desesperado de fazer qualquer coisa, de transformar

a Igreja segundo os nossos desejos e as nossas ideias?

· A configuração a Cristo é o pressuposto e a base de toda a renovação. Mas talvez a figura de Cristo nos apareça por vezes demasiado alta e grande para podermos ousar tomar as suas medidas. O Senhor sabe-o. Por isso providenciou «traduções» em ordens de grandeza mais acessíveis e próximas de nós. Precisamente por este motivo, São Paulo resolutamente diz às suas comunidades: Imitai-me, mas eu pertenço a Cristo. Ele era para os seus fiéis uma «tradução» do estilo de vida de Cristo, que eles podiam ver e à qual podiam aderir. A partir de Paulo e ao longo de toda a história, existiram continuamente tais «traduções» do caminho de Jesus em figuras históricas vivas. Nós, sacerdotes, podemos pensar numa série imensa de sacerdotes santos

que vão à nossa frente para nos apontar a estrada.

· Que há de mais meu do que eu próprio? E no entanto que há de menos meu do que o sou eu mesmo? Não me pertença a mim próprio e torno-me eu mesmo precisamente pelo facto de me ultrapassar a mim próprio e é através da superação de mim próprio que consigo inserir-me em Cristo e no seu Corpo que é a Igreja. Se não nos anunciamos a nós mesmos e se, intimamente, nos tornamos um só com Aquele que nos chamou para sermos seus mensageiros de tal modo que sejamos plasmados pela fé e a vivamos, então a nossa pregação será credível. Não faço publicidade de mim mesmo, mas dou-me a mim mesmo.

· E, enquanto sacerdotes, preocupamo-nos naturalmente com o homem inteiro, incluindo

precisamente as suas necessidades físicas: com os famintos, os doentes, os sem-abrigo; contudo, não nos preocupamos apenas com o corpo, mas também com as necessidades da alma do homem: com as pessoas que sofrem devido à violação do direito ou por um amor desfeito; com as pessoas que, relativamente à verdade, se encontram na escuridão; que sofrem por falta de verdade e de amor. Preocupamo-nos com a salvação dos homens em corpo e alma. E, enquanto sacerdotes de Jesus Cristo, fazemo-lo com zelo. As pessoas não devem jamais ter a sensação de que o nosso horário de trabalho cumprimos-lo conscienciosamente, mas antes e depois pertencemo-nos apenas a nós mesmos. Um sacerdote nunca se pertence a si mesmo. As pessoas devem notar o nosso zelo, através do qual testemunhamos de modo credível o Evangelho de Jesus Cristo.

SEGUNDA-FEIRA SANTA (texto completo)

· "[O Espírito Santo] não deixa de infundir alento aos corações e continuamente nos atira para a praça pública da história, como no Pentecostes, para dar testemunho das maravilhas de Deus. Vós estais chamados a cooperar nesta apaixonante tarefa e vale a pena entregar-se a ela sem reservas. Cristo necessita-vos ao Seu lado para estender e edificar o Seu Reino de caridade. Isto será possível se O tendes como o melhor dos amigos e O confessais levando uma vida de acordo com o evangelho, com valentia e fidelidade. Alguém poderia supor que isto não tem nada a ver com ele ou que é uma empresa que supera as suas capacidades e talentos. Mas não é assim. Nesta aventura não sobra ninguém. Por isso, não deixeis de vos perguntar a que vos chama o Senhor e como O

podeis ajudar. Todos tendes uma vocação pessoal que Ele vos quis propor para a vossa felicidade e santidade. Quando alguém se vê conquistado pelo fogo do Seu olhar, nenhum sacrifício parece já grande para O seguir e Lhe dar o melhor de si mesmo. Assim fizeram sempre os santos estendendo a luz do Senhor e o poder do Seu amor, transformando o mundo até o converter num lar acolhedor para todos, onde Deus é glorificado e os seus filhos abençoados".

· "Queridos jovens, como aqueles apóstolos da primeira hora, sede também vós missionários de Cristo entre os vossos familiares, amigos e conhecidos, nos vossos ambientes de estudo ou de trabalho, entre os pobres e doentes. Falai do Seu amor e bondade com simplicidade, sem complexos nem temores. O próprio Cristo vos dará fortaleza para isso. Pela vossa parte, escutai-O e tende

um convívio frequente e sincero com Ele. Contai-lhe com confiança os vossos anseios e aspirações, também as vossas penas e as das pessoas que vejais carentes de consolo e de esperança. Evocando aqueles esplêndidos dias, desejo exortar-vos também para que não poupeis esforço algum para que os que vos rodeiam o descubram pessoalmente e se encontrem com Ele, que está vivo com a Sua Igreja".

DOMINGO DE RAMOS (texto completo)

"Perguntemo-nos: Que pensavam, realmente, em seus corações aqueles que aclamam Cristo como Rei de Israel? Certamente tinham a sua ideia própria do Messias, uma ideia do modo como devia agir o Rei prometido pelos profetas e há muito esperado. Não foi por acaso que a multidão em Jerusalém, poucos dias depois, em vez de aclamar Jesus,

grita para Pilatos: «Crucifica-O!», enquanto os próprios discípulos e os outros que O tinham visto e ouvido ficam mudos e confusos. Na realidade, a maioria ficara desapontada com o modo escolhido por Jesus para Se apresentar como Messias e Rei de Israel. É precisamente aqui que se situa o ponto fulcral da festa de hoje, mesmo para nós. Para nós, quem é Jesus de Nazaré? Que ideia temos do Messias, que ideia temos de Deus? Esta é uma questão crucial, que não podemos evitar, até porque, precisamente nesta semana, somos chamados a seguir o nosso Rei que escolhe a cruz como trono; somos chamados a seguir um Messias que não nos garante uma felicidade terrena fácil, mas a felicidade do céu, a bem-aventurança de Deus. Por isso devemos perguntar-nos: Quais são as nossas reais expectativas? Quais são os desejos mais profundos que nos animaram a vir aqui, hoje, celebrar o

Domingo de Ramos e iniciar a Semana Santa?" (*Homilia da Missa na Praça de São Pedro*).

· "Queridos jovens, aqui reunidos! (...).Que o Domingo de Ramos possa ser para vós o dia da decisão: a decisão de acolher o Senhor e segui-Lo até ao fim, a decisão de fazer da sua Páscoa de morte e ressurreição o sentido da vossa vida de cristãos. Tal é a decisão que leva à verdadeira alegria, como se vê na vida de Santa Clara de Assis, que há oitocentos anos – exatamente no Domingo de Ramos –, movida pelo exemplo de São Francisco e dos seus primeiros companheiros, deixou a casa paterna para consagrar-se totalmente ao Senhor: com dezoito anos, teve a coragem da fé e do amor para se decidir por Cristo, encontrando n'Ele a alegria e a paz." (*Homilia da Missa na Praça de São Pedro*).

· "Que reinem particularmente neste dia dois sentimentos: o louvor, como fizeram aqueles que acolheram Jesus em Jerusalém com o seu «hossana»; e o agradecimento, porque nesta Semana Santa o Senhor Jesus renovará o dom maior que se pode imaginar, entrega-nos a Sua vida, o Seu corpo e o Seu sangue, o Seu amor. Mas a um dom tão grande devemos corresponder de modo adequado, ou seja, com o dom de nós mesmos, do nosso tempo, da nossa oração, do nosso estar em comunhão profunda de amor com Cristo que sofre, morre e ressuscita por nós" *(Homilia da Missa na Praça de São Pedro)*.
